4

O migrante nordestino, o operário

No capítulo 4 examino três discursos em que o presidente Lula se dirige a uma platéia presente de beneficiários de programas sociais do governo e projeta auto-representações identitárias ligadas a seu passado de migrante nordestino e operário em São Paulo.

4.1

Discurso do ProJovem

4.1.1

Enquadres e representações identitárias - discurso do ProJovem

Logo no primeiro e no segundo parágrafos do discurso pronunciado na cerimônia de formatura do programa ProJovem, em Olinda, PE, em 30.03.07 (ao qual me referirei como “discurso do ProJovem” daqui por diante), o Presidente Lula sinaliza dois enquadres que se sobrepõem ao enquadre discurso-político.

“Na verdade, eu estou com um discurso muito bem feito ..., **mas eu quero falar um pouco com a minha alma**, porque eu acho que nós temos que ter uma **conversa muito sincera** aqui com vocês.”

...“Mas a conversa que eu quero ter com vocês hoje, é mais do que a conversa de um presidente da República com a juventude brasileira, **é a conversa de alguém que saiu da cidade de Garanhuns com sete anos de idade e foi tentar a vida em São Paulo**. Eu faço questão de contar essa história, porque **essa história certamente é a história de vocês** e porque nós estamos falando aqui de **oportunidade**, estamos falando de **chance**, estamos falando de **vontade de fazer** com que as coisas aconteçam.”

Primeiro, na abertura do discurso, ele propõe o reenquadre do discurso como “conversa [muito] sincera”. O enquadre conversa-sincera é reforçado com a menção, no segundo parágrafo, à identidade de retirante nordestino, “que saiu da cidade de Garanhuns” e “foi tentar a vida em São Paulo”. A identidade de retirante nordestino funciona no sentido de criar condições para uma conversa sincera ao permitir que a

platéia, constituída basicamente pelos formandos do ProJovem, ou seja, por jovens nordestinos pobres, se alinhe (Goffman, [1979] 2002) com o presidente Lula. Essa identificação identitária, que permite o alinhamento da platéia com o orador, é explicitada quando o presidente afirma: “Eu faço questão de contar essa história” [a história da vida dele], “porque essa história certamente é a história de vocês”.

Em seguida, como sinalizam as escolhas lexicais (“oportunidade”, “chance”, “vontade de fazer”), Lula introduz o enquadre que chamo de palestra-motivacional. Ou seja, utiliza um tipo de discurso semelhante ao dos palestrantes profissionais, que atuam nas áreas de Treinamento e Desenvolvimento, contratados por grandes empresas para ministrar a seus funcionários cursos e seminários com temas como auto-estima, auto-conhecimento, pensamento positivo, motivação para o sucesso.

Ainda se apresentando/representando em termos identitários como retirante nordestino, o Presidente afirma:

“se tem um brasileiro que pode significar o **exemplo de** que a **perseverança**, de que a luta e de que o **nunca desistir** dá resultado, sou eu. Porque um **retirante nordestino**, que sai daqui com sete anos de idade, com oito filhos, oito irmãos agarrados no ‘rabo da saia’ da minha mãe, chegar em São Paulo, sobreviver e **chegar à Presidência da República**, deve ser uma **motivação** e um **exemplo** para vocês, que podem **acreditar que podem** chegar lá, é só vocês **não desistirem**.”

As escolhas lexicais no trecho acima (“perseverança”, “motivação”), a mensagem implícita de que “querer é poder” (“nunca desistir”), o colocar-se como exemplo de perseverança e sucesso (“chegar à Presidência”), tudo isso são sinalizações que apontam para o enquadre palestra-motivacional, que se articula com o enquadre conversa-sincera e com o enquadre geral de discurso-político.

Há ainda uma outra auto-representação – a de pai – que aflora em várias partes desse discurso e se articula com a representação identitária de presidente, criando um outro enquadre sobreposto que chamo de enquadre “conversa-de-pai”, e que exemplifico com o trecho a seguir:

“Eu queria dar um **conselho** para vocês: a vida de vocês será muito melhor se dentro de casa tiver harmonia, se o pai e a mãe estiverem bem, se a mãe tiver a responsabilidade de acompanhar a vida de vocês.”

Assim como os discursos do presidente têm um enquadre geral básico, que é o de discurso-político, estabelecido pelo cargo que o orador ocupa e pelo evento em que o discurso é proferido, a representação identitária de presidente é também básica e dada pelo cargo do orador. Nesse sentido, a identidade de presidente é “não marcada”, é *default*. Essa representação identitária geral de presidente é constantemente referida e confirmada no discurso, de várias formas, das mais claras às mais indiretas. São exemplos de referências à identidade de presidente frases e expressões como: “mais do que a conversa de um presidente da República com a juventude brasileira”; “um retirante nordestino ... chegar em São Paulo, sobreviver e chegar à Presidência da República ...”; “minha equipe”; “meu ministro da Educação”; “eu saio daqui hoje, vou para Washington, numa reunião com o presidente dos Estados Unidos” ...

Disse anteriormente que os enquadres se sobrepõem. Quando Lula diz:

“Agora que vocês pegaram o diploma, aumenta a nossa responsabilidade com vocês. Nós precisamos agora cuidar de cada um, saber o que está fazendo, se arrumou emprego, se conseguiu estudar, porque se a gente esquecer essa meninada, João Paulo e meu caro Eduardo, minha Secretária de Educação e secretários aqui, se a gente achar que já cumpriu com a nossa obrigação dando esse diploma, nós estaremos cometendo um erro. Esse diploma não é o fim, esse dinheiro é o começo, essa formação é o começo de uma jornada e não o fim de uma jornada, vocês acreditaram em vocês.”

há uma imbricação de diferentes enquadres e representações identitárias. A afirmação “agora que vocês pegaram o diploma, aumenta a nossa responsabilidade com vocês” faz eco ao ditado popular “filhos criados, trabalhos dobrados” e, assim, evoca a identidade de pai e o enquadre conversa-de-pai. A seguir o presidente continua falando na primeira pessoa do plural (nós/ a gente) e passa a se dirigir pelo nome e título a membros do governo, numa clara referência ao enquadre discurso-político e à identidade de presidente, facilmente intercambiável com a de pai (especialmente quando “governar” é entendido como “cuidar”). No final do trecho, ao dizer que o diploma não é o fim mas o começo e que “vocês acreditaram em vocês”, temos de novo o enquadre palestra-motivacional.

4.1.2

Como virei presidente

— **Como virei presidente** — 1ª parte

“Mas a conversa que eu quero ter com vocês hoje ... é a conversa de alguém que saiu da cidade de Garanhuns com sete anos de idade e foi tentar a vida em São Paulo. **Eu faço questão de contar essa história, porque essa história certamente é a história de vocês** e porque nós estamos falando aqui de **oportunidade**, estamos falando de **chance**, estamos falando de **vontade** de fazer com que as coisas aconteçam.

Eu quero dizer para vocês: se tem um brasileiro que pode significar o exemplo de que a perseverança, de que a luta e de que o nunca desistir dá resultado, sou eu. **Porque um retirante nordestino, que sai daqui com sete anos de idade**, com oito filhos, oito irmãos agarrados no “rabo da saia” da minha mãe, **chegar em São Paulo, sobreviver e chegar à Presidência da República**, deve ser uma motivação e um exemplo para vocês, que podem acreditar que podem chegar lá, é só vocês não desistirem. “

Ao dizer “eu faço questão de contar essa história”, Lula anuncia uma narrativa. Como já mencionei anteriormente na análise dos enquadres, o presidente Lula se posiciona identitariamente como um retirante nordestino, como “alguém que saiu da cidade de Garanhuns ... e foi tentar a vida em São Paulo”, e que vai contar sua trajetória de vida para uma platéia formada de nordestinos como ele, jovens e pobres como ele era no momento em que teriam acontecido os eventos que constituirão a presente narrativa. Esse posicionamento identitário permite que a platéia formada por jovens nordestinos pobres do ProJovem se alinhe com o orador. Não é, portanto, sem razão que o presidente Lula afirma: “essa história [de sua própria vida] certamente é a história de vocês”.

O trecho “um retirante nordestino, que sai daqui com sete anos de idade, ... , chegar em São Paulo, sobreviver e chegar à Presidência da República” contém uma seqüência de eventos, uma mini-história, e é o resumo da narrativa em termos do modelo laboviano. Serve ao propósito da maioria dos resumos: despertar a curiosidade, indicando que a história é interessante, é contável, tem um ponto, tem reportabilidade, relata acontecimentos importantes.

Labov afirma (1972, p. 369) que os “recursos avaliativos encontram-se distribuídos por toda a narrativa” não ocupando um lugar determinado na estrutura narrativa. Na história que está sendo analisada, palavras e expressões avaliativas precedem e sucedem o resumo, precedendo também a ação complicadora, como quando, no trecho acima, o presidente menciona que a história é sobre “oportunidade”, “chance”, “vontade de fazer com que as coisas aconteçam” ou quando afirma ser ele “uma motivação”, “um exemplo” e fala em acreditar e não desistir. Esses pontos avaliativos precedendo a ação complicadora orientam os ouvintes sobre como eles devem interpretar os eventos que serão relatados, dirigindo de antemão a construção de significados.

Os três parágrafos a seguir são o relato de como o narrador se tornou o que é, ou seja, como o retirante nordestino virou presidente da república. Atendem, portanto, à definição de história de vida de Linde (1993, p. 3), qual seja, de que “histórias de vida expressam o nosso ‘eu’: quem somos e como chegamos a ser o que somos.”

— **Como virei presidente** — 2ª parte

E quero dizer a vocês mais: quero dizer para vocês que fui comer pão pela primeira vez aos sete anos de idade. Até os sete anos de idade o café que a gente tomava em Garanhuns era uma cuia de farinha com café preto. [E isso significa também dizer para vocês que não é a fome, não é a miséria que leva a gente a desistir.] Até os 14 anos de idade, eu morava num quarto e cozinha com 13 pessoas, 13 pessoas num quarto e cozinha. O banheiro da casa em que eu morava era o banheiro do bar. Depois das 5 horas da tarde do sábado, depois de muita cerveja, vocês sabem como é que ficava o banheiro do fundo bar, onde minha mãe, minhas três irmãs, e todos nós, irmãos e primos, usávamos aquele banheiro.

Não eram poucos os dias em que a gente tinha para comer, apenas um caldo de feijão e nada mais, a não ser quando o meu irmão, que vendia biscoito, aquele de polvilho que parece vento, chegava em casa com a sobra para a gente comer. Depois eu fui trabalhar de engraxate, fui trabalhar de tintureiro, fui trabalhar vendendo coisa na rua. [E por que eu não desisti? Primeiro, porque eu tinha uma família muito pobre, mas tinha uma mãe muito forte.] A minha mãe nunca permitiu que a gente desanimasse, mesmo quando a gente não tinha comida em casa, não havia espaço ou motivação para a gente desistir, mesmo na desgraça ela ficava dizendo para a gente: “levanta a cabeça que amanhã vai ser melhor, vamos acreditar que amanhã é possível” e, graças a Deus, eu cheguei onde cheguei porque

aos 14 anos de idade eu consegui entrar numa empresa que me mandou para o Senai e eu fiz um curso de torneiro mecânico.

Esse curso de torneiro mecânico é que mudou a minha vida. A partir desse curso eu passei a arrumar emprego melhor, eu passei a ganhar mais que o salário mínimo, de oito filhos, eu fui o primeiro da minha mãe a ter um diploma primário, eu fui o primeiro a ter um diploma profissional, eu fui o primeiro a ter um carro, a ter uma televisão, a ter uma geladeira, a ter uma casa, [e não pensem que foi fácil. Até para chegar a Presidente da República, eu tive que perder três eleições. Quando qualquer um desistiria, eu teimei que o povo brasileiro um dia ia acreditar na sua capacidade.]

De acordo com o modelo laboviano (Labov, 1972), no primeiro e no segundo dos três parágrafos acima, uma série de orações com verbos no pretérito imperfeito (sublinhados com uma linha) formariam uma longa orientação, fornecendo uma descrição vívida de como era miserável a vida da família de retirantes nordestinos. Ainda segundo o modelo laboviano, a ação complicadora estaria nas orações independentes, com verbos no pretérito perfeito (sublinhados com duas linhas no trecho acima), a ordenação temporal entre os eventos sendo dada pela seqüência em que aparecem.

Todas essas orações, aquelas com os verbos no pretérito imperfeito e as com verbos no pretérito perfeito, constituem uma narrativa da história de vida do narrador (Linde, 1993). A trajetória expressa nessa história de vida compreende desde os primeiros tempos, mais miseráveis (13 pessoas num quarto e cozinha, usando o banheiro de um bar, comendo apenas caldo de feijão, o irmão vendendo biscoito de polvilho, o narrador trabalhando de engraxate, tintureiro, vendedor de rua), até os primeiros sucessos (curso no Senai, profissão, emprego, compra de bens duráveis). Os primeiros eventos são contados no imperfeito e os segundos, no pretérito perfeito e, entre eles, há uma ordenação cronológica clara. Arrisco interpretar que, de um ponto de vista retórico e literário, o imperfeito, com sua idéia de duração, marca o tempo da extrema pobreza como um tempo de passagem lenta, enquanto o pretérito perfeito, dos primeiros sucessos, marca a liberação progressiva da miséria e mostra o corte com o passado de pobreza extrema como um tempo mais rápido.

Considero que as narrativas são construídas no ato de narrar em função do contexto específico em que a história é contada e visando e prevendo determinados

resultados e efeitos na platéia. A seleção dos eventos de uma narrativa não é portanto ingênua. Escolhemos determinados eventos do passado para narrar e os narramos segundo a ótica do presente, de acordo com nossos objetivos em uma dada situação concreta e buscando dirigir a impressão da platéia. Em *Como virei presidente*, ao narrar sua trajetória de vida diante de uma audiência de formandos do ProJovem, Lula oblitera quase totalmente os anos de sindicalismo e de atividade política: o orador/narrador passa, num grande salto, de conseguir comprar uma geladeira e uma casa a virar Presidente da República (depois de perder três eleições, única concessão aos anos de política).

A falta de uma melhor explicação sobre a seqüência de passos dessa trajetória e seus nexos causais, sobre como o operário chegou a presidente, prejudica a construção narrativa da coerência que, segundo Linde (1993), caracteriza as histórias de vida. Mas não prejudica um dos prováveis efeitos pretendidos pelo narrador: estimular os jovens a não se deixarem levar à delinqüência pela pobreza, pelo desânimo e pela falta de oportunidades.

Além do mais, o silêncio sobre os anos de atividade política como sindicalista e deputado reforça essa tentativa de recusa do enquadre “discurso-político” (discutida no item 3.1) pela superposição de outro enquadre, o de “conversa-sincera”, apresentado em substituição ao de discurso político. O silêncio sobre os anos de política evita a construção identitária do presidente *como membro da classe política*, um bônus quando se considera a desconfiança com que políticos são vistos no Brasil³. Na narrativa *Como virei presidente*, Lula se apresenta como *presidente*, mas evita se construir como *político*, preferindo articular a identidade de presidente com as de *pai* e de *exemplo* de sucesso e perseverança a ser emulado.

Nos três parágrafos acima, a orientação e a ação complicadora vêm entremeadas de trechos avaliativos, que marquei com a fonte na cor cinza e com os colchetes. O ponto dessa narrativa pode ser resumido pela idéia e pelo conselho de “nunca desistir” e evoca o enquadre palestra-motivacional, que, mais uma vez enfatizo, se sobrepõe ao enquadre conversa-sincera e ambos se sobrepõem ao enquadre discurso-político, sem que nenhum deles seja eliminado ou neutralizado. Os enquadres, na verdade, funcionam articulados e concomitantes. Na seqüência

³ Uma pesquisa divulgada no dia 27.09.07 pela Associação dos Magistrados Brasileiros indica que apenas 11% dos brasileiros confiam nos políticos. (Vide Anexo 5) .

desses três parágrafos, o trecho cujo início reproduzo a seguir faz a coda, ou seja, sinaliza o fim da história e, estabelecendo uma comparação entre a situação do presidente Lula quando jovem e a situação atual dos jovens ouvintes, retorna ao tempo presente:

“Pois bem, muitos de vocês vivem hoje em situações até mais degradantes do que a situação que eu vivi, porque ...”

4.1.3

A narrativa das maçãs

No mesmo discurso do ProJovem, há uma outra narrativa, *A narrativa das maçãs*, muito mais curta (narrativa de um episódio de vida, não de história de vida), que reproduzo a seguir, já dividida em partes usando o modelo de narrativa laboviano de forma adaptada:

— A narrativa das maçãs —

Resumo

Quantos de vocês ficaram desesperançados porque chega na hora do almoço e não têm o que colocar na mesa para comer? **(01)**

Negociando o piso para contar uma história

Quantas vezes, eu me lembro, eu queria contar para vocês uma coisa. **(02)**

Orientação

Eu estava fazendo, antigamente não era 5ª série, Fernando Haddad, era admissão, você terminava o 4º ano e ia fazer admissão, e naquele tempo não tinha tanta maçã como tem neste País. Eu saía da escola toda quinta-feira e tinha uma feira, e eu passava naquela banca de frutas, tinha umas maçãs argentinas da cor daquela camisa de vocês, vermelha, gostosa, a minha boca enchia d'água **(03)**

Ação Complicadora

e eu tinha vontade de pegar uma maçã e sair correndo. Eu nunca peguei. **(04)**

Avaliação

Sabem por quê? Porque eu tinha vergonha que alguém me pegasse, da minha mãe passar humilhação, **(05)**

Coda

(06) porque naquele tempo a gente cuidava da família com muito mais carinho, porque a gente tinha menos problemas. **(06)**

A pergunta retórica sobre quem já passou fome (01) funciona como um resumo não-convencional: diz sobre o que é a história sem adiantar nada sobre os eventos, indicando apenas que haverá uma história sobre passar necessidade. Depois dessa abertura, e como se estivesse em uma conversa informal e espontânea, o orador parece negociar um turno maior para poder contar uma história (02). A negociação é claramente desnecessária porque não se trata de conversa, não há alternância de turnos, e o orador, sendo quem é, tem o piso garantido pelo tempo que julgar necessário. Assim, o “eu queria contar para vocês uma coisa” funciona como um marcador, um sinalizador, um reforço do enquadre conversa-sincera já mencionado, e que é o enquadre que o orador propõe, desde o começo, para este discurso.

A orientação (03) é a parte dessa narrativa elaborada mais de acordo com o modelo laboviano (quem, onde e quando): há os verbos no pretérito imperfeito (“estava fazendo”, “não tinha tanta maçã”, “eu saía”, “eu passava”, “tinha umas maçãs”...); há os detalhes (“4ª. Série” ou “5ª. Série”, antes “admissão”) que criam autenticidade e envolvimento (Tannen, [1989]1999, 134-166); e a descrição pictórica, detalhada, concreta, recriando visualmente a feira e a banca de maçãs (“da cor daquela camisa de vocês”, “vermelha, gostosa, a minha boca enchia d’água”) e também criando envolvimento.

O trecho seguinte – “e eu tinha vontade de pegar uma maçã e sair correndo. Eu nunca peguei” – constitui a ação complicadora dessa narrativa, embora, à primeira vista, não atenda totalmente às condições que caracterizariam uma narrativa mínima no modelo laboviano. Segundo Labov, uma narrativa mínima requer pelo menos dois eventos expressos por verbos no pretérito perfeito e ordenados temporalmente, ou seja, duas orações independentes e uma junção temporal (Labov, 1972). Temos um verbo no imperfeito (“tinha”) indicando habitualidade, dois infinitivos e uma junção temporal (“pegar e sair correndo”) ligados à expressão no imperfeito (“tinha vontade de”) indicando, na verdade, ações que nunca se concretizaram. Temos ainda um verbo no pretérito perfeito na negativa (“nunca peguei”), que comunica exatamente isso (que as ações não se concretizaram), ou seja, o fato de que o narrador nunca pegou uma maçã nem saiu correndo, o que constitui, no final das contas, implicitamente e por via indireta, uma narrativa mínima: dois verbos no pretérito perfeito e a junção temporal.

A *narrativa das maçãs* contém uma avaliação externa (05) (com suspensão das ações narrativas), introduzida por uma pergunta (“Sabem por quê?”), e apresentando a perspectiva do narrador na forma de uma explicação: o narrador nunca roubou uma maçã porque tinha medo de ser apanhado e não queria fazer a mãe passar vergonha. A coda (06) sinaliza o final da narrativa e a volta ao tempo presente da cerimônia de formatura, comparando de maneira bastante elíptica e um tanto vaga a importância da família na vida dos jovens no passado e no presente. Essa menção à importância da família, supostamente maior no passado, também reforça e conclui a avaliação da história, sinalizando ainda a emergência do enquadre conversa-de-pai.

O ponto dessa narrativa, no entanto, o que torna a história contável, é um pouco mais amplo. É preciso entender a narrativa dentro dos enquadres palestra-motivacional, conversa-sincera e conversa-de-pai (sem esquecer o enquadre geral discurso-político) e a partir dos alinhamentos do orador com a platéia em termos das identidades construídas, quais sejam:

(a) a identidade de retirante nordestino, pessoa que passou necessidade e conhece a miséria e, por isso mesmo, entende de forma visceral (não apenas racional) a tentação de roubar, mas não tendo roubado devido a laços familiares fortes, está em posição privilegiada para agir como exemplo, conselheiro, inspirador e motivador;

(b) a identidade de presidente, que, mesmo estando hoje em posição de mando, tem a mesma origem social dos jovens da platéia, o que facilita a troca conversacional; e, finalmente

(c) a identidade de pessoa mais velha, mais experiente e hierarquicamente superior permitindo o alinhamento pai/filho.

Isso tudo, aliado ao fato de evidentemente ter vencido na vida, permite construir a narrativa em várias camadas de enquadres superpostos de forma a que ela cumpra a função de persuadir jovens nordestinos pobres a perseverarem no caminho do bem a despeito das dificuldades.

4.2

Discurso do Jovem Aprendiz

4.2.1

Platéias presentes: Jovem Aprendiz vs ProJovem

O discurso proferido pelo presidente Lula em 02.06.06, em São Paulo, SP, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp (Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural) e do Programa Jovem Aprendiz (“discurso do Jovem Aprendiz” daqui por diante) tem uma platéia presente semelhante ao do discurso do ProJovem, analisado no item 4.1. Trata-se, nos dois casos, de jovens pobres. Há uma discrepância geográfica, Olinda, PE versus São Paulo, SP, embora seja muito possível que entre os jovens aprendizes de São Paulo haja muitos nordestinos ou filhos de migrantes nordestinos.

No caso do discurso do ProJovem, ao iniciar seu pronunciamento, o presidente Lula se dirige a uma série de autoridades e aos “concluintes do ProJovem”. No texto do “segundo” discurso do ProJovem, aquele preparado por assessores e publicado no site mas não lido pelo presidente, ficamos sabendo que os concluintes são 4.200: “Aqui estão reunidos 4.200 jovens formandos. Aqui estão reunidas 4.200 histórias de luta, superação e conquista.”

Já no discurso do Jovem Aprendiz, o presidente se dirige às autoridades e aos “jovens Cristiane Farias, Alan Tany e Ana Rodrigues que receberam o crachá simbolizando os outros 292 jovens” presentes à cerimônia. No início do terceiro parágrafo da transcrição, o presidente Lula diz que quer “falar diretamente para os premiados, para aqueles que vão ser aprendizes da Petrobras ou de outras empresas que participam do Prominp”. A presença dos pais dos jovens não é certa, embora seja provável. O presidente Lula observa (segundo parágrafo da transcrição): “Eu não sei se os pais dos meninos e meninas estão aí ...” Muito provavelmente havia pais presentes.

De qualquer forma, a presença de jornalistas (ou, na falta deles, a divulgação do discurso pela secretaria de imprensa da presidência) garante aos discursos do presidente, a população brasileira como audiência em potencial (*circunstantes ausentes*, para usar a expressão de Hutchby, 1997, inspirada em Goffman, [1979]

2002, e apresentada no item 1.3 deste trabalho). Assim, em qualquer discurso do presidente haverá sempre dois níveis de público: num primeiro nível, a platéia presente – todos os presentes à cerimônia em que o discurso é pronunciado, ou seja, autoridades, assessores, representantes de órgãos diversos, o público específico em função do tipo de cerimônia ou atividade e os representantes da mídia; num segundo nível, como resultado da divulgação do pronunciamento pela mídia, os *circunstantes ausentes* – a população brasileira em geral, o eleitorado.

Talvez a diferença mais importante entre os públicos específicos desses dois discursos, o do ProJovem e o do Jovem Aprendiz, seja que os jovens aprendizes estão num patamar superior ao dos formandos do ProJovem: fizeram um concurso, foram classificados e estão sendo premiados com a oportunidade de uma vaga no programa Jovem Aprendiz. As perspectivas de sucesso e melhoria de nível de vida são concretas. Já o público do ProJovem é constituído de jovens em situação de risco social, ou seja, jovens pobres que, segundo uma série de indicadores sociais, apresentam elevado risco de delinquir ou de passar à vida adulta em situação de extrema pobreza e sem perspectivas de melhoria. São jovens entre 18 e 24 anos que não terminaram o ensino fundamental e a quem é oferecida a oportunidade de voltar a estudar para concluir o ensino fundamental. O estudo visa tirar-lhes da rua, ou de situações familiares problemáticas, e afastá-los de uma vida de delinquência, crime e ou pobreza extrema.

Semelhanças e diferenças entre o público deste discurso e o do discurso anterior poderão ajudar a explicar semelhanças e diferenças nos enquadres, identidades e alinhamentos.

No discurso do Jovem Aprendiz, ao contrário no que acontece em outros anteriormente citados, o presidente Lula não explicita o reenquadre do discurso político como conversa, nem diz claramente que vai deixar de lado o texto escrito. Mas, ao afirmar:

“Eu vou contar as páginas aqui, para ver se é muito longo o discurso, para diminuí-lo pela metade.”

reafirma sua agentividade e sinaliza a possibilidade de um discurso improvisado. O discurso escrito existe mas ele, o orador, tem a última palavra quanto a se vai ou não

utilizá-lo e em que medida. A frase citada também indicia que o discurso escrito é longo e que discursos longos são maçantes. A leitura do discurso efetivamente pronunciado sugere que o presidente Lula teria usado nada ou quase do discurso escrito em seu pronunciamento.

4.2.2

O que Proust tem a ver com Lula?

O que Proust tem a ver com Lula? À primeira vista, nada. Examinando com mais atenção, foi para mim surpreendente verificar que as várias narrativas encaixadas no discurso do Jovem Aprendiz são introduzidas no segundo parágrafo de modo muito proustiano: um gesto que o orador faz o teria transportado de volta ao passado, num clássico processo de ativação da memória involuntária, tornado famoso na literatura pelo autor de *Em busca do tempo perdido*.

“mas quando eu entreguei o crachá, vi o José Sérgio Gabrielli entregar o crachá e Marinho, naqueles 30 segundos que aconteceram (sic) esse fato, a minha cabeça voltou a 1960, quando eu descobri que tinha uma chance de fazer um curso profissional. “

Assim, o gesto de entregar o crachá a um jovem é o equivalente lulista da madalena que o narrador de *Em busca do tempo perdido* mergulha no chá e leva à boca – movimento que, inesperadamente, desperta-lhe sensações e emoções adormecidas há muito tempo e o transporta de volta à infância. O gesto de entregar o crachá é construído no discurso como tendo transportado Lula de volta ao passado, a 1960 (“minha cabeça **voltou** a 1960”), ativando lembranças e emoções e introduzindo neste discurso uma série de sete narrativas concatenadas entre si :

“Não foi a Petrobras, mas foi quase igual, chamava-se Fábrica de Parafusos Marte. Essa fábrica estava precisando de um menino para mandar para o Senai. Eu ainda não tinha completado 15 anos de idade, ...”

A presença da recordação do passado sinaliza de modo implícito o enquadre conversa. Afinal, relembrar acontecimentos antigos, contando histórias da infância e da juventude, revelando assim sentimentos e pensamentos íntimos, é típico da

interação conversacional espontânea e evoca uma situação mais relaxada e informal do que a situação de cerimônia oficial de lançamento de um programa governamental. Ou seja, a expectativa de que o orador contará histórias pessoais, histórias de quando “não tinha completado 15 anos de idade”, é um sinal implícito da emergência do enquadre conversa-sincera no discurso.

4.2.3

“A vida de vocês nunca mais voltará a ser a mesma”

“E foi graças a isso, e aí eu quero falar diretamente para os premiados, para aqueles que vão ser aprendizes da Petrobras ou de outras empresas que participam do Prominp, que essa é uma oportunidade rara, e a partir do momento em que vocês começaram a exercer essa atividade, a vida de vocês nunca mais voltará a ser a mesma. Posso garantir que se vocês se dedicarem, há possibilidade de vocês evoluírem cada vez mais. Quando terminarem esse aprendizado, aparecerão outros na frente de vocês. Se não aparecer, vocês irão buscar, porque tudo depende de um começo, e vocês estão tendo um começo.”

No trecho acima, Lula qualifica a participação desses 292 jovens no Programa Jovem Aprendiz, de modo enfático, como “oportunidade rara”. E é ainda mais enfático quando diz “a vida de vocês nunca mais voltará a ser a mesma.” Essas e outras escolhas lexicais (sublinhadas acima) sinalizam o enquadre palestra-motivacional que vem se sobrepôr ao enquadre discurso-político e ao enquadre conversa-sincera. Os limites entre o enquadre palestra-motivacional e o enquadre conversa-de-pai sendo muitas vezes imprecisos, as escolhas lexicais acima, especialmente as que apontam para a importância de se dedicar às tarefas e para a importância de um bom começo (conselhos comumente dados pelos pais a seus filhos), sinalizam os dois enquadres simultaneamente.

4.2.4

“Graças a um diploma de torneiro mecânico”

Levantados os principais enquadres do discurso do Jovem Aprendiz, que são os mesmos do discurso do ProJovem – “conversa-sincera”, “palestra-motivacional” e

“conversa-de-pai” – a pergunta agora é: que representações identitárias o presidente Lula constrói nas narrativas e pelas narrativas encaixadas no discurso do Jovem Aprendiz e em que essas identidades se assemelham ou não às construídas para a platéia do ProJovem ?

Segundo Linde (1993, p. 11) (minha tradução, meu grifo), uma história de vida “inclui certos tipos de **eventos marcantes**, como escolha de **profissão**, casamento, divórcio e conversão religiosa ou ideológica”. Reproduzo abaixo o primeiro trecho propriamente narrativo do discurso do Jovem Aprendiz, ao qual dei o título de “*Graças a um diploma de torneiro mecânico*”, e que chamei também de narrativa **A**, para efeito de referência futura somente.

— “**Graças a um diploma de torneiro mecânico**” — Narrativa **A**:

“É importante dizer para vocês que foi graças a um **diploma de torneiro mecânico** que eu aprendi, e eu repito isso sempre, porque isso, para mim, **é uma marca na minha vida**. Por conta de um diploma de torneiro mecânico, que eu aprendi e tirei o diploma em 1963, no Senai, eu fui o primeiro filho de uma família de oito filhos a ter uma casa própria, fui o primeiro a ter televisão, fui o primeiro a ter um carro, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro, muitas vezes, a ganhar de salário, o valor do salário mínimo. Muitas vezes.”

A pequena narrativa acima coloca em destaque a obtenção de um diploma de torneiro mecânico em 1963 como um acontecimento marcante na vida do narrador, por ter provocado e permitido uma seqüência de realizações pessoais. As realizações – na verdade a aquisição de bens duráveis: casa própria, televisão, carro, geladeira – são construídas na narrativa com sendo uma conseqüência direta da obtenção do diploma de torneiro que representa profissão e, portanto, possibilidade de emprego e melhoria de padrão de vida.

Linde (1993, p. 11) diz também que “uma história de vida é uma unidade oral contada e recontada muitas vezes”. Uma outra versão da narrativa **A** (acima) aparece no discurso do ProJovem (item 4.1.2.): é a 2ª. parte da história de *Como virei presidente*. Refiro-me a essa outra versão como narrativa **B**. Para facilitar a comparação, reproduzo ambas as narrativas abaixo, lado a lado:

<p>Narrativa B Discurso do ProJovem - 30.03.07:</p> <p>“Esse curso de torneiro mecânico é que mudou a minha vida. A partir desse curso eu passei a arrumar emprego melhor, eu passei a ganhar mais que o salário mínimo, de oito filhos, eu fui o primeiro da minha mãe a ter um diploma primário, eu fui o primeiro a ter um diploma profissional, eu fui o primeiro a ter um carro, a ter uma televisão, a ter uma geladeira, a ter uma casa, e não pensem que foi fácil.”</p>	<p>Narrativa A Discurso do Jovem Aprendiz - 02.06.06:</p> <p>“É importante dizer para vocês que foi graças a um diploma de torneiro mecânico que eu aprendi, e eu repito isso sempre, porque isso, para mim, é uma marca na minha vida. Por conta de um diploma de torneiro mecânico, que eu aprendi e tirei o diploma em 1963, no Senai, eu fui primeiro filho de uma família de oito filhos a ter uma casa própria, fui o primeiro a ter televisão, fui o primeiro a ter um carro, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro, muitas vezes, a ganhar de salário, o valor do salário mínimo. Muitas vezes.”</p>
---	--

A questão sobre se se trata ou não da mesma história é motivo de debate nos estudos da narrativa (Ribeiro, Coulthard, Bastos, Quental e Silva, 1996; Bastos, 2005; Norrick, 2000). Minha posição é que são duas versões de uma mesma história – a mesma referência experiencial, mas duas narrativas distintas. Sendo a narrativa construída na interação, dependente portanto do contexto interacional, cada versão da história é uma narrativa diferente, por mais que as narrativas em questão sejam semelhantes.

No discurso do ProJovem, a narrativa **B** vem depois de um trecho que descreve a extrema pobreza do narrador até o surgimento da oportunidade representada pelo curso no Senai. A ordem desses dois trechos no discurso do ProJovem – primeiro a extrema pobreza e em seguida o curso no Senai como oportunidade salvadora – transmite aos jovens da platéia a mensagem “não se desespere, não desistam, mantenham-se no caminho do bem e coisas boas poderão acontecer a vocês como aconteceram para mim”.

Já no discurso do Jovem Aprendiz, a narrativa **A** precede três outros trechos narrativos que vão detalhar a escolha da especialização no Senai e os primeiros dias de Lula como aprendiz na Fábrica de Parafusos Marte. A ênfase é no futuro: na vida

após o curso do Senai (para o narrador) e no que representa o programa Jovem Aprendiz para os 292 jovens da platéia.

O relato sobre a extrema pobreza do narrador, que precede a narrativa **B** no discurso do ProJovem, está também presente no discurso do Jovem Aprendiz, mas aparece depois da narrativa **A** e dos três trechos narrativos que vou examinar a seguir. As diferenças relativas ao ponto em que a narrativa é encaixada no discurso e como a narrativa é construída (constituindo diferentes versões de uma história) parecem refletir diferenças (indicadas no item 4.2.1) entre as duas platéias. Voltarei a essas duas versões da “extrema pobreza” no item 4.2.8.

4.2.5

“Eu achava bonito, eu queria ser aquilo”

As seguintes citações de Linde (1993, pp. 3, 21) (minha tradução, meu grifo) sobre histórias de vida fornecem uma pista sobre os efeitos que narrativas pessoais encaixadas em discursos políticos podem ter sobre o público. “Histórias de vida” – diz Linde – “expressam o nosso ‘eu’: **quem somos e como chegamos a ser o que somos**. As histórias de vida fornecem dados sobre a personalidade do narrador: ‘Eu sou assim, eu sou esse tipo de pessoa, já que agi do modo como agi.’”

O processo de construção de identidade no discurso através de narrativas encaixadas permite portanto criar representações identitárias de forma vívida e concreta, não pela atribuição ao sujeito de qualidades abstratas e não comprovadas, mas através da criação de situações em que o narrador se revela, por causa de suas ações na história, como um sujeito com tais e quais atributos, já comprovados pelo modo mesmo como agiu na história.

Para proceder à análise dos três trechos narrativos abaixo (ou três narrativas concatenadas), aplico a perspectiva de Linde (1993) buscando verificar o que a história contada diz sobre o caráter, as qualidades e a personalidade narrador.

— “**Eu achava bonito, eu queria ser aquilo**” — (1º trecho)

“E eu não sei porque, eu queria ser torneiro mecânico. Eu nem sabia o que era ser torneiro mecânico. Eu tinha a impressão do meu irmão, eu tinha um irmão que era mecânico, consertava carros na frente de casa e eu achava bonito, ele todo sujo de

graxa, de macacão, os bolsos cheios de estopa, estopa toda suja. Eu achava bonito, eu queria ser aquilo. Eu nem sabia o que era, mas eu queria ser aquilo. Eu cheguei lá, tinha vaga de torneiro mecânico no Senai, tinha de fundidor, tinha mais duas ou três profissões, e eu falei: não, eu quero ser torneiro mecânico porque eu achava que era parecido com aquilo que o meu irmão fazia.”

Num primeiro momento, no primeiro trecho (acima), o narrador se constrói como um jovem ignorante: não sabe o que um torneiro mecânico faz e confunde torneiro mecânico com mecânico de automóveis. É importante notar que se trata do presidente da república, falando em uma cerimônia oficial e ele escolhe contar uma história pessoal onde se mostra, quando muito jovem, como um adolescente ignorante, portanto vulnerável.

Ora, o formato narrativo permite a dissociação entre o narrador no presente e sua auto-representação na narrativa como personagem de eventos passados, ou seja, permite a “disjunção entre narrador e personagem da narrativa” (Bastos, 2005). Como argumenta Bastos (2005), se referindo a colocações de Bruner e Weiser ([1991]1995), “o *eu* que conta é diferente do *eu* sobre quem se conta”. Também Goffman se debruça sobre essa questão em seu texto *Footing* de 1979, quando introduz a noção de *figura*. Diz ele:

“... como falante[s], representamos a nós mesmos pelo emprego de um pronome pessoal, em geral ‘eu’, sendo assim uma ‘figura’ – uma figura numa afirmação – que serve como agente, um protagonista numa cena descrita, um ‘personagem’ numa anedota, alguém, enfim, que pertence ao universo sobre o qual se está falando não ao universo no qual a fala ocorre.” (Goffman, [1979] 2002, p. 137)

Assim, no trecho narrativo acima, o “eu” do orador/ narrador/ presidente fala, no presente do discurso, sobre uma *figura*, sobre um personagem de sua história de vida, que é um “eu” jovem e inocente no passado da narrativa. A história chega a ser engraçada: Lula recorre ao humor auto-depreciativo, de modo leve, sutil. O efeito, segundo minha interpretação, é tornar o personagem Lula-adolescente simpático; a vulnerabilidade do personagem construído na narrativa pode levar a platéia a gostar mais dele, personagem, e, conseqüentemente, dele, narrador.

Em que pese este efeito positivo da caracterização do personagem Lula-adolescente como ignorante, essa caracterização poderia talvez, ainda assim, ser danosa à imagem do presidente, especialmente pelo fato de ser ele um homem de pouco estudo, que muitos não consideravam/ consideram preparado para o cargo que

ocupa. O próprio presidente Lula chama a atenção para esse tipo de colocação, de crítica à sua formação e a seu preparo intelectual. No discurso que fez por ocasião da abertura do Encontro Nacional da Indústria da Construção em Brasília, DF, em 03.10.07, para uma platéia de empresários, Lula disse:

“... porque eu sou a única alternância de poder que aconteceu em 500 anos. É o único segmento social diferente que chegou à (*sic*) presidente da República. todos os presidentes que erraram ou que acertaram foram mais um presidente. Se eu errar, vão dizer: ‘Trabalhador não sabe governar’ “.

Porque então se construir como alguém ignorante? No caso da narrativa “*Eu achava bonito, eu queria ser aquilo*”, a juventude do personagem lhe serve de desculpa para a ignorância e sua pobreza, de explicação. Além do mais, a ignorância é perfeitamente resolvível com o passar dos anos, com o aprendizado e a experiência. Acontece que a imagem do jovem ignorante é também a imagem do jovem ingênuo, inocente, simples, disposto a trabalhar, de boa índole, que admira o irmão mais velho, e quer imitá-lo e que muito provavelmente se tornará um adulto honesto, trabalhador e responsável. Os atributos que formam o caráter de uma pessoa tendem a ser considerados pelo senso comum como mais permanentes, enquanto a ignorância pode ser transitória e vencê-la, uma demonstração de valor.

Ao se construir identitariamente no mundo da história como tendo sido um jovem simples que tinha muito o que aprender, o presidente diminui a distância entre ele, hoje presidente, e sua platéia de jovens pobres, permitindo o alinhamento dessa platéia com ele. Na verdade, para fazer eco a uma frase do discurso do ProJovem já citada – “essa [minha] história certamente é a história de vocês” – eu diria que, ao utilizar como representação identitária a imagem de um jovem ignorante e inexperiente, o orador estaria dizendo para a platéia – *eu era então exatamente como vocês são hoje*. Sendo ele o presidente da república, o corolário é evidente – *vocês podem ter sucesso na vida porque eu tive*. E é exatamente a esta conclusão que o presidente Lula chegará no final da seqüência de trechos narrativos que estou analisando (vide item 4.2.9).

4.2.6

“Eu me achava, sinceramente, fantástico”

— “Eu me achava, sinceramente, fantástico” — (2º trecho)

E aí, quando eu cheguei na fábrica, não tinha muito o que fazer, era moleque, 14 anos, me colocaram para catar pedaços de ferro no chão, em uma metalúrgica pequena, não era tão higiênica como as fábricas de hoje. Minha mãe tinha consertado um macacão para mim, era bonito, um macacão que não era nem da metalúrgica, porque não tinha. Era de uma fábrica de peneiras, e minha mãe desmanchou e fez para mim. Eu me senti o máximo. Eu ia trabalhar, eu andava, acho, um quilômetro e meio a pé ali na Vila Carioca. Eu achava que todas as meninas que passavam na rua, olhavam para mim. Eu me achava, sinceramente, fantástico.”

No trecho acima, o presidente Lula continua a se construir como um jovem ingênuo – “era moleque, 14 anos”. O detalhe do macacão, que a mãe reformou para ele, estabelece a noção de família pobre mas decente, gente esforçada, mãe caprichosa, prendada. O fato de que o moleque de 14 anos acha o macacão reformado “bonito” confirma a simplicidade e a boa índole do narrador e sugere um adolescente ajustado, sem exigências consumistas. Sentir-se “o máximo” com o macacão aponta para o sentimento de satisfação com a oportunidade de se tornar um operário: o macacão (que funciona como o uniforme, a farda) assinala pertencimento, no caso, ao mundo dos adultos trabalhadores. Ao mesmo tempo, o “achar que todas as meninas que passavam na rua olhavam para [ele]” é mais um detalhe a demonstrar a juventude do narrador, sua inocência, sua atitude sonhadora, própria da idade, seu otimismo e, porque não, sua masculinidade. O trajeto para o trabalho, “um quilômetro e meio”, era feito a pé, o que é mais uma indicação das dificuldades que a família enfrentava. Em seu caminho para a fábrica, o narrador passava “ali na Vila Carioca”, a precisão geográfica emprestando ainda maior concretude e credibilidade à história. (É muito possível que alguns dentre os jovens e pais presentes à cerimônia conheçam a Vila Carioca.) Em suma, nesse pequeno trecho narrativo, nenhum detalhe é sem importância.

A construção identitária do presidente em sua juventude como um adolescente pobre, ingênuo e sonhador desperta sentimentos de simpatia e permite alinhamentos

não só com a platéia da cerimônia de lançamento do programa Jovem Aprendiz, mas com o público brasileiro em geral, das mais variadas faixas etárias e camadas sociais.

4.2.7

“E minha mãe ficou muito orgulhosa de mim”

E, como se ainda fosse necessário obter mais simpatia, o narrador conta a seguir um episódio engraçado, que funciona no sentido de humanizar a figura do presidente e seduzir a platéia.

— **“e minha mãe ficou muito orgulhosa de mim”** — (3º trecho)

“Pois bem, eu estava tão fantasiado (sic) com aquela história de aprender uma profissão e de ser mecânico que, no primeiro dia de trabalho, me colocaram para ficar catando os pedaços de ferro... o pessoal cortava ferro na prensa e sempre sobrava um pedaço lá que caía, eu ia lá apanhando aquilo e colocando perto de um forno. E quando chegou na hora do almoço, me deu um calafrio porque eu queria ser mecânico, estava de macacão, estava trabalhando em uma metalúrgica e não estava sujo. Então, minha mãe ia achar que eu não estava trabalhando. Quando apitou para sair para almoçar, eu fui em um latão de 200 litros de óleo, um óleo que a gente utilizava para temperar peças – você colocava a peça no fogo e ela ficava fervendo de vermelha, aí você metia aquele óleo para temperar – e eu falei: vai ser aqui mesmo. Aí ninguém estava vendo, eu peguei aquele óleo e esfreguei todo na minha roupa, cheguei em casa o próprio mecânico, e minha mãe ficou muito orgulhosa de mim.”

No episódio engraçado narrado acima, de novo o narrador se coloca em posição vulnerável e essa vulnerabilidade o torna simpático. Penso que aqui é preciso voltar a alguns pressupostos teóricos já apresentados anteriormente. Volto a enfatizar que o enquadre geral discurso-político, por sua natureza de enquadre básico sinalizado pelo cargo do orador e pelo evento de fala, não fica neutralizado por outros enquadres que a ele venham se sobrepor. Volto também à questão de que as narrativas interpretam eventos passados sob a ótica do presente, dentro de um contexto específico e com determinados objetivos e/ou visando determinados efeitos. Narrar episódios do passado em que, de acordo com nossa perspectiva atual, nos retratamos a nós mesmos como tendo agido de modo ingênuo, ou tolo, ou impensado, ou desajeitado é um modo de dar um viés cômico à narrativa e também um modo de

obter a simpatia de nossos interlocutores. Ao narrar o episódio acima (do latão de óleo), o presidente se constrói como um jovem que o adulto de hoje vê como ingênuo. O que uma história como esta pode obter da platéia? Da platéia presente específica formada pelos 292 jovens aprendizes, alinhamento identitário. Das platéias em geral, diretas e mediadas, variadas e heterogêneas, simpatia, sem dúvida, um sorriso eternecido, um balançar de cabeça ... e, sendo o narrador o presidente da república discursando em uma cerimônia oficial, a certeza de que o presidente é “gente como a gente” ...

Considero que a análise que venho desenvolvendo até este ponto começa a dar um contorno lingüístico-discursivo ao *carisma* do presidente, mencionado na Introdução deste trabalho como um dos fatores que explicam sua continuada popularidade.

4.2.8

Sendo eu quem sou, por ter passado pelo que passei...

Sem abandonar a perspectiva de Linde (1993), recorrerei a Labov (1972) para analisar a narrativa abaixo. Eis como a vejo, segundo a ótica de um modelo laboviano adaptado:

— **Sendo eu quem sou, por ter passado pelo que passei** —

Avaliação:

“...não é a pobreza que leva a pessoa a ser bandido ou a participar de um crime. Ajuda, mas o que leva mesmo um jovem a se desencaminhar é a desagregação da estrutura da família.

Orientação:

Eu fui criado, na idade de vocês eu morava nos fundos de um bar, em um quarto e cozinha, morávamos em 13 em um quarto e cozinha, tinha dias que não tínhamos o que comer, mas nós tínhamos uma mãe que abria as asas para que nós soubéssemos que, a qualquer perigo, a gente tinha que voltar para debaixo das asas dela.

Ação Complicadora:

E minha mãe criou oito filhos.

----- *Digressão e Reparo (oito não, treze):*

Treze, porque pobre do Nordeste é assim: vai chegando mais pobre, vai pondo dentro de casa. Pobre não rejeita pobre. Essa é uma máxima da sociedade.

Orientação (a orientação retomada e resumida após a digressão):

Então nós éramos em oito irmãos.

Ação Complicadora:

Todos nós fomos criados, todos nós nos casamos, constituímos famílias e ninguém cometeu nenhum erro na vida, passamos a ser pessoas da sociedade com comportamento civilizado.

Avaliação:

Mas se o jovem não tem dentro de casa uma perspectiva de trabalho, se ele não tem uma perspectiva de estudo, se o pai está brigando com a mãe, se se separam e há uma guerra dentro de casa, onde o jovem não compreende os pais, os pais não compreendem o jovem, e ele perde a perspectiva, para chegar ao abismo é apenas um passo.

Coda:

E essa tem sido uma preocupação constante. É por isso que, nesses três anos, nós criamos muitos programas para a juventude.”

No meu entender, a narrativa acima não tem resumo e começa pela avaliação. Para Labov (1972), a avaliação não tem uma localização específica dentro da estrutura narrativa. Que a narrativa comece pela avaliação é, em si, interessante e revela que a história está sendo contada para ilustrar um ponto, uma opinião, uma crença. Nesse sentido, essa avaliação no início da história funciona como uma *tese* que a narrativa, espera-se, confirmará/ provará. Além disso, precedendo a narração dos eventos da história, a avaliação orienta a construção de significados que a audiência fará, dirigindo assim a interpretação.

A avaliação é reforçada no final da história, ou seja, a tese inicial é confirmada/ provada no final da narrativa, quando o orador/ narrador repete sua afirmação inicial de que não é a pobreza mas a desagregação familiar que leva ao crime e o faz de forma estendida, como que explicando através de exemplos o que ele entende por “desagregação da estrutura da família”. A exemplificação funciona no sentido de tornar clara e concreta essa expressão que poderia (talvez ?) não ser compreendida por todos na platéia. É interessante notar que este processo de explicar a expressão *desagregação familiar* com exemplos concretos é feito de tal forma que

se poderia mesmo considerar a seqüência de eventos como uma mini-narrativa hipotética encaixada na narrativa: o pai briga com a mãe, se separam, pais e filho não se compreendem, jovem “perde a perspectiva” e o resultado é “o abismo”.

Penso que é possível e útil à análise desta narrativa resumir assim a ação complicadora: *minha mãe criou oito filhos na pobreza e nenhum de nós virou bandido*. A mãe, conforme fica claro na orientação, era uma figura forte, dominante: “uma mãe que abria as asas” para proteger os filhos. As crenças do orador, adquiridas através da experiência vivida, o levam a seu ponto avaliativo, que aliás “prova” a tese inicial: *o que está na origem da criminalidade não é a pobreza mas sim a falta de referência familiar*. Note-se ainda que, na primeira avaliação (na tese), o presidente parece fazer uma concessão à idéia de que a pobreza possa estar ligada ao problema da criminalidade. Diz que a pobreza não leva ao crime, mas “ajuda”. Nesse caso, o binômio pobreza mais desagregação familiar (ou pobreza como um fator de desagregação familiar) é que levaria ao crime, e não a pobreza em si.

O ponto avaliativo discutido acima não é, no entanto, o único ponto dessa narrativa, ponto entendido aqui como “por que é importante contar essa história?”, ou melhor, “por que é importante contar esta história aqui e agora, neste contexto?” A coda nos dará a pista. Nela o presidente afirma que seu governo tem criado “muitos programas para a juventude”, que “essa tem sido uma preocupação constante”. O que fica subentendido? Que sentidos a narrativa constrói? Por que criar programas para a juventude tem sido uma preocupação constante? Porque o presidente Lula, *sendo quem é, por ter passado pelo que passou* (Linde, 1993), reconhece a importância de criar oportunidades para jovens pobres. Há aí construção de coerência discursiva: o presidente se projeta identitariamente como um governante que valoriza a criação de oportunidades para jovens pobres por ter sido ele um jovem pobre, resgatado da pobreza e da falta de perspectivas na vida graças a uma oportunidade de formação profissional, o já mencionado curso de torneiro mecânico no Senai.

Com isso, o presidente Lula de alguma forma inverte uma possível crítica de que ele, tendo tido uma infância e uma adolescência de pobreza e privações, não estaria preparado para governar, por não ter estudado além do curso primário. Através de narrativas pessoais encaixadas no discurso político, o sentido que Lula constrói é justamente o oposto: por ter tido uma infância e uma adolescência de pobreza e privações, ele se preocuparia em criar programas para a juventude e isto significa não

só que estaria preparado para governar, mas que estaria mais preparado para governar do que os que tiveram estudo mas não tiveram a experiência da miséria. (Este tipo de argumentação aparecerá em outros discursos e outras narrativas neste trabalho e vem aparecendo constantemente na mídia, especialmente numa espécie de disputa em capítulos entre o presidente Lula e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Batizei-a de “posição antiintelectualista”. Consistiria basicamente em valorizar a experiência vivida e a formação profissional e, de alguma forma, minimizar o valor do estudo formal e da formação acadêmica. É bom notar que essa “posição antiintelectualista” pode ser simpática a grandes segmentos da população e, assim, ser um fator para a obtenção de alinhamentos identitários.)

Retomo aqui a noção de dialogia de Bakhtin (2000, p. 291) de que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. É possível ver como, no discurso do Jovem Aprendiz, através de narrativas pessoais encaixadas e da construção de representações identitárias, o presidente Lula responde a enunciados anteriores, explícitos ou implícitos, de vozes não-presentes, sobre sua inadequação ao cargo de presidente, invertendo os argumentos desses enunciados, tal como explicitado no parágrafo anterior. Essas vozes não estão presentes na narrativa analisada mas correspondem a versões de mundo projetadas por sujeitos variados em inúmeras realizações discursivas ao longo do tempo, às quais temos acesso, sempre de modo interpretativo, em virtude de vivermos numa mesma sociedade.

Considerando ainda debates que ocorreram no âmbito da sociedade em geral no ano de 2006 sobre criminalidade, violência e redução da maioria penal (idéia à qual o presidente Lula se opunha), é possível ver também como, neste mesmo discurso, através das narrativas analisadas, o presidente Lula polemiza com os defensores de penas mais severas e da redução da maioria penal, usando o argumento, narrativamente exposto, de que a criminalidade deve ser combatida oferecendo-se oportunidades aos jovens e reforçando-se o papel da família.

Finalmente, o trecho que não incluí nem na orientação nem na ação complicadora e que rotulei de “Digressão/ Reparo – Oito não, treze” (“Treze, porque pobre do Nordeste é assim: vai chegando mais pobre, vai pondo dentro de casa. Pobre não rejeita pobre. Essa é uma máxima da sociedade.”) também constrói camadas de sentidos dentro da narrativa. Primeiro, ao demonstrar conhecimento experiencial sobre supostos valores e hábitos de uma parcela da sociedade brasileira que ele

delimita como formada pelos “pobres do Nordeste”, o presidente Lula mais uma vez projeta publicamente a imagem de nordestino pobre, permitindo, facilitando e incentivando alinhamentos. A afirmação em formato de máxima, “pobre não rejeita pobre”, estende este alinhamento a todos os pobres brasileiros, independente da região.

A generalização “pobre não rejeita pobre” fala positivamente sobre um suposto caráter generoso e solidário dos pobres em geral, entre os quais, como vimos acima, o presidente Lula se inclui discursivamente. Ao generalizar, o orador também evoca o outro termo dessa dicotomia, ou seja, os ricos. E o que ele fala sobre os ricos? Explicitamente, nada. Implicitamente, seria possível talvez evocar uma série de percepções, de supostas “verdades”, de supostas “certezas”, baseadas no senso comum, em um suposto conhecimento de mundo compartilhado. Se “pobre não rejeita pobre”, quem rejeita os pobres? A resposta seria “rico rejeita pobre”, aliás “rico rejeita rico também”, porque “rico só pensa em si”, não tendo o caráter generoso e solidário dos pobres.

Se, na máxima discutida acima (“pobre não rejeita pobre”), a pobreza é vista como uma categoria mais ou menos abstrata, a mesma narrativa que a contém (“*Sendo eu quem sou, por ter passado pelo que passei...*”) traz na orientação uma descrição concreta da vida de pobreza extrema do narrador, durante a infância e início da adolescência, semelhante à que aparece, em versão mais detalhada, no discurso do ProJovem, item 4.1.2. Em termos de data, o discurso do ProJovem, feito em 30.03.07 é posterior ao do Jovem Aprendiz, feito em 02.06.06. O segundo discurso em termos cronológicos (o do ProJovem) apresenta uma descrição mais estendida do que a que aparece de modo mais resumido no discurso proferido nove meses antes. Reproduzo abaixo, lado a lado, trechos das duas descrições, precedidas das considerações sobre a relação entre crime e pobreza que introduzem cada uma dessas descrições:

<u>Discurso Jovem Aprendiz – 02.06.06</u>	<u>Discurso do ProJovem - 30.03.07</u>
..... não é a pobreza que leva a pessoa a ser bandido ou a participar de um crime. Ajuda, mas o que leva mesmo um jovem a se desencaminhar é a desagregação da estrutura da família.	 E isso significa também dizer para vocês que não é a fome, não é a miséria que leva a gente a desistir.

<p>Eu fui criado, na idade de vocês eu morava nos fundos de um bar, em um quarto e cozinha, morávamos em 13 em um quarto e cozinha,</p> <p>tinha dias que não tínhamos o que comer,</p> <p>mas nós tínhamos uma mãe que abria as asas para que nós soubéssemos que, a qualquer perigo, a gente tinha que voltar para debaixo das asas dela.</p>	<p>Até os 14 anos de idade, eu morava num quarto e cozinha com 13 pessoas, 13 pessoas num quarto e cozinha. O banheiro da casa em que eu morava era o banheiro do bar. Depois das 5 horas da tarde do sábado, depois de muita cerveja, vocês sabem como é que ficava o banheiro do fundo bar, onde minha mãe, minhas três irmãs, e todos nós, irmãos e primos, usávamos aquele banheiro.</p> <p>Não eram poucos os dias em que a gente tinha para comer, apenas um caldo de feijão e nada mais, a não ser quando o meu irmão, que vendia biscoito, aquele de polvilho que parece vento, chegava em casa com a sobra para a gente comer. Depois eu fui trabalhar de engraxate, fui trabalhar de tintureiro, fui trabalhar vendendo coisa na rua.</p> <p>E por que eu não desisti? Primeiro, porque eu tinha uma família muito pobre, mas tinha uma mãe muito forte. A minha mãe nunca permitiu que a gente desanimasse, mesmo quando a gente não tinha comida em casa, não havia espaço ou motivação para a gente desistir, mesmo na desgraça ela ficava dizendo para a gente: "levanta a cabeça que amanhã vai ser melhor, vamos acreditar que amanhã é possível"</p>
---	---

A semelhança é evidente entre os dois relatos sobre a extrema pobreza do narrador e sua família. Esses dois relatos fazem parte de duas narrativa distintas, com uma mesma referência experiencial. Mencionei acima que o relato mais estendido (e mais dramático) está inserido na segunda narrativa em termos cronológicos, ou seja, no Discurso do ProJovem de 30.03.7. Não me parece, no entanto, que o fato de a

história estar sendo contada pelo menos pela segunda vez tenha algo a ver com a maior riqueza de detalhes. A construção da narrativa com maior riqueza de detalhes no discurso do ProJovem parece ser função do tipo de platéia presente e do ponto que o orador deseja enfatizar. Diante dos jovens pobres considerados “em risco social” atendidos pelo programa ProJovem, o presidente Lula enfatiza as dificuldades da vida de migrante nordestino pobre em São Paulo, criando envolvimento, promovendo empatia e obtendo um maior alinhamento da platéia com ele. Já no discurso do Jovem Aprendiz, diante de jovens pobres, porém relativamente bem encaminhados na vida (afinal, eles conquistaram “uma oportunidade rara”), o relato da pobreza extrema é menos detalhado, por isso menos dramático, e parece ter como função principal confirmar a tese de que não é a pobreza, mas a desagregação familiar “que leva mesmo um jovem a se desencaminhar”. Aplica-se, creio, a colocação de Mishler, de que os enredos “são governados como um todo por seus modos de finalização” (2002, p. 104), ou seja, que os enredos seriam na verdade construídos em função do ponto que narrador quer ressaltar, em função de significados que o narrador atribui a eventos passados conforme sua perspectiva no presente, a qual inclui os objetivos do narrador na interação específica e localizada em que a história é narrada.

4.2.9

Quem disse que daqui a 15 anos não pode ser um de vocês

“A Petrobras, que é a mais extraordinária empresa brasileira, está assumindo o compromisso de ter, como aprendiz, 2 mil e 700 jovens deste país inteiro. O programa todo prevê logo, logo, com outras empresas, 70 mil jovens. Isso significa que vocês poderão ter a mesma chance que eu tive, vocês poderão ter o mesmo caminho que eu tive, quem sabe muito melhor, porque é a Petrobras que está dando o aprendizado para vocês, não é a minha humilde Fábrica de Parafusos Marte. Mas aquela fábrica humilde de parafusos Martes, por conta da profissão, eu arrumei emprego numa empresa maior, por conta de uma empresa maior eu aprendi política, fui para o sindicato e, por conta de tudo isso, hoje eu estou, aqui presidente da República. E quem disse que, daqui a 15 anos, dez anos, não pode ser um de vocês que esteja falando no microfone e eu sentado, aqui, já velhinho, tossindo, falando: ‘meus parabéns, meu presidente da República’. Por que não pode ser exatamente isso? Nós vamos continuar apostando nisso, nós vamos continuar. “

O trecho acima encerra a série de narrativas pessoais encaixadas no discurso do Jovem Aprendiz, com duas narrativas curtas articuladas entre si. Primeiro, o presidente Lula relembra /resume em pouco mais de três linhas (!) a sua trajetória de vida, desde o primeiro emprego, na Fábrica de Parafusos Marte, até a presidência da república:

— **Narrativa revisitada: Como virei presidente** —

“Mas aquela fábrica humilde de parafusos Martes, por conta da profissão, eu arrumei emprego numa empresa maior, por conta de uma empresa maior eu aprendi política, fui para o sindicato e, por conta de tudo isso, hoje eu estou, aqui presidente da República.”

Em seguida, em mais três linhas, faz uma narrativa muito pouco convencional, uma narrativa hipotética, uma narrativa sobre o futuro:

— **Vocês também podem (virar presidente)** —

“E quem disse que, daqui a 15 anos, dez anos, não pode ser um de vocês que esteja falando no microfone e eu sentado, aqui, já velhinho, tossindo, falando: ‘meus parabéns, meu presidente da República’”.

Os sentidos construídos nesses dois pequenos trechos narrativos se originam do paralelismo entre duas trajetórias de vida muito improváveis: a trajetória real do presidente Lula, de operário e líder sindical a presidente, e a trajetória futura e hipotética de algum jovem da platéia. Dentro de um enquadre palestra-motivacional, o sentido que está sendo construído é: eu cheguei lá, vocês podem chegar também. E esse *lá* – a presidência da república – recebe uma representação icônica (e talvez reveladora?): um presidente discursando ao microfone e sendo congratulado pela platéia.

4.3

Discurso do Mova Brasil

4.3.1

Platéias e enquadres

A platéia presente (público específico) do discurso pronunciado pelo presidente Lula em Nova Iguaçu, RJ, em 14.06.06, na cerimônia de formatura dos alunos do programa Mova Brasil (discurso do Mova Brasil daqui por diante) apresenta semelhanças e diferenças em relação à platéia dos dois discursos analisados anteriormente (ProJovem e Jovem Aprendiz). Nos três casos, o presidente se dirige a participantes de programas sociais do governo na área de educação. Mas enquanto nos dois discursos anteriores o presidente se dirigia a jovens, agora se dirige a adultos, alguns deles idosos, que concluíram, ou ainda cursam, um programa de alfabetização de adultos.

É interessante notar que o próprio presidente enfatiza essa diferença ao apresentar uma senhora, Maria de Lourdes, de 105 anos (!), aluna do programa, como “um aviso aos adolescentes brasileiros”. E, dirigindo-se aos adolescentes brasileiros diz: “Vocês não podem desistir, vocês não podem perder a esperança e vocês não podem desanimar nunca, porque a vida de vocês está começando.”

Quanto aos enquadres, há também semelhanças e diferenças em relação aos dois discursos anteriores. Em função do tipo de público presente à cerimônia, pode-se falar em enquadre palestra-motivacional e enquadre conversa-de-pai apenas no enunciado acima, quando o orador se dirige aos jovens. Esses dois enquadres são sinalizados pelas expressões “não desistir”, “não perder a esperança” e “não desanimar”, típicas do discurso motivacional voltado para o estímulo à auto-estima e para a motivação para o sucesso, e pela frase “a vida de vocês está começando”, típica da conversa de pai. Como nos discursos anteriores, há a proposta de substituir o discurso preparado pelo improvisado, ou seja, trocar o enquadre de discurso político pelo de conversa espontânea, sincera. Após os agradecimentos iniciais, o presidente Lula começa seu pronunciamento dizendo:

“Gente, eu tinha, eu tenho um discurso escrito aqui para ler, mas não vou ler. Eu vou conversar, se me permitem, eu vou conversar um pouco com vocês.”

Além dessa proposta explícita de reenquadrar o discurso como conversa, escolhas lingüísticas no desenrolar do discurso, características da linguagem oral, sinalizam e confirmam o enquadre proposto. No trecho acima, por exemplo, o presidente se dirige à audiência usando como vocativo “Gente”, que é informal e popular e, na abertura do discurso, ao mencionar a formanda Maria Isidora da Silva, 82 anos, Lula usa um diminutivo típico da linguagem oral informal ao dizer que “ela deve estar *sentadinha* aí”.

No entanto, o enquadre predominante neste discurso é o de discurso político, em dois níveis: há o enquadre geral discurso-do-presidente, sinalizado pelo cargo do orador e pela cerimônia de formatura e, superposto a ele, o enquadre discurso-de-candidato-em-campanha-eleitoral, sinalizado durante o discurso por uma série de marcas ou mensagens metacomunicativas (Bateson, 1972). Proferido 10 dias antes da oficialização da candidatura de Lula à reeleição, várias escolhas lingüístico-discursivas neste pronunciamento apontam para o discurso do candidato, embora o pronunciamento apareça no *site* da secretaria da imprensa da presidência como um discurso do presidente no desempenho de suas funções oficiais. Citarei apenas algumas das marcas que sinalizam o enquadre “discurso-de-campanha”.

O orador apresenta uma lista das realizações de seu governo até o momento, numa espécie de prestação de contas:

..... nós estamos criando mais universidades, mais escolas técnicas, ... aumentamos para nove anos o tempo de permanência na escola das nossas crianças.”

“ o povo pobre começa a ter o direito de comer três vezes ao dia, ... a comida está mais barata nos supermercados; ... o material de construção baixou muito, ... o cimento baixou muito, a inflação está controlada.”

“... o ProUni é uma revolução da educação brasileira. Nós colocamos 203 mil jovens da periferia deste país, pobre e de escolas públicas, que jamais poderiam estudar numa universidade, para estudar de graça.”

“... faz 43 meses que o emprego cresce neste país, depois de 20 anos sem crescer.”

O orador promete realizações futuras: são as promessas de campanha, que caracterizam o discurso de candidatos a cargos eletivos:

“Uma outra coisa importante, gente, é que eu vim hoje anunciar, no Rio de Janeiro, com a Petrobras, nós viemos lançar a pedra fundamental de uma obra que vai começar a ser construída em janeiro, que é um investimento de 14 bilhões de reais, num Pólo Petroquímico no Rio de Janeiro. nós vamos mudar a cara do Rio de Janeiro, serão milhares e milhares de empregos que serão criados neste estado, será a redenção da cidade de Itaboraí, de São Gonçalo,”

“este país sem analfabeto, este país com emprego e este país com dignidade, fiquem certos, nós haveremos de construí-lo.”

Há ainda ataques verbais a adversários políticos, o que é típico das campanhas políticas, como por exemplo:

“... um dia este país elegeu um Presidente da República que achou que era deus e começou a mandar servidor público embora, de tudo quanto é lugar, a mandar embora, a tirar trabalhador. “

4.3.2

Quase-narrativas

No discurso do Mova Brasil, como veremos a seguir, há duas narrativas pessoais encaixadas. Nenhum das duas é uma narrativa laboviana clássica, com a ação complicadora construída por orações com verbos no pretérito perfeito. Não se referem a um episódio específico no passado, mas a eventos repetidos, eventos que aconteceram várias vezes, em seqüência temporal, formando um padrão e que, por isso, são expressos por verbos no pretérito imperfeito, que é o tempo dos acontecimentos habituais no passado. Por isso, vou chamá-las de quase-narrativas. Ambas são introduzidas pela frase “eu me lembro”, que marca, na conversa, a introdução da memória do passado.

A análise será feita usando categorias baseadas em Labov (1972) e Linde (1993); buscarei também identificar as funções que essas quase-narrativas desempenham nesse discurso político específico.

4.3.3

“[Eu] sei como é que esse povo sofre”

— A (quase-) narrativa das galochas (velhas) —

“Mas eu quero dizer mais. Eu sei que aqui tem homens e mulheres que levantam quatro e meia da manhã para ir trabalhar, andam a pé, amassando barro. Quando ele me falava dessas pessoas que colocam plástico no sapato, eu me lembro, eu morava numa rua chamada rua Verão, não era uma subidinha não, era uma pirambeira desgraçada de barro vermelho. Eu tinha uma galocha velha, eu levantava de manhã, colocava a galocha, chegava numa padaria onde já tinha asfalto, tirava a galocha, embrulhava no jornal, levava para a fábrica, lavava a galocha, trazia a galocha no ônibus, descia do ônibus, colocava a galocha e chegava em casa com a galocha entupida de barro e a barra da calça entupida de barro. Eu sei a vida do povo pobre deste país, eu sei como é que o povo sofre neste país, porque eu sou presidente agora, mas eu não fui presidente a vida inteira. Eu sou presidente há pouco tempo e sei como é que esse povo sofre.”

A quase-narrativa acima é encaixada no discurso com o objetivo amplo de mostrar à audiência que o orador/ presidente sabe “como é que esse povo sofre”. Como veremos a seguir, este é ponto dessa quase-narrativa, o motivo pelo qual ela é contada neste discurso, diante de uma platéia formada por beneficiários do Mova Brasil e seus familiares, povo pobre da Baixada Fluminense.

No parágrafo que precede o trecho citado, o presidente Lula revela que o prefeito de Nova Iguaçu reivindicara verbas federais para a construção de um viaduto, o viaduto da Posse, mas que ele havia respondido que ainda não podia se comprometer com a obra. O presidente diz textualmente: “Eu só não quero prometer antes de conhecer o projeto, antes de conhecer o custo do projeto.” Ora, embora perfeitamente razoável, essa não é uma afirmação fácil para um político fazer diante de qualquer público, menos ainda diante de um eleitorado formado majoritariamente por pessoas pobres e pouco sofisticadas intelectualmente, e especialmente em um pronunciamento onde o enquadre discurso-de-campanha é claramente dominante. É verdade que o presidente disse também: “se esse viaduto de Posse for para resolver o problema ... do povo da Baixada Fluminense, podem ficar certos que esse trecho que ele está pedindo vai sair, podem ficar certos”.

Mas isso é claramente insuficiente. O “se” e o “talvez” implícito no “se” são fracos e não falam ao coração dos ouvintes. O argumento do presidente de que ele precisa ter projeto e custos estudados antes de se comprometer com a realização da obra é um argumento racional, enquanto um discurso de campanha lida principalmente com sentimentos, emoções, paixões. O orador prossegue, enfatizando que é sensível ao problema dos “homens e mulheres que levantam quatro e meia da manhã para ir trabalhar, andam a pé, amassando barro” e precisam colocar “plástico no sapato”, o conteúdo das frases e as escolhas lexicais mostrando que ele efetivamente conhece a situação. E então, neste ponto do discurso ... se lembra.

Providencialmente, Lula “se lembra” de sua própria experiência de “amassar o barro” e passa a contar essa experiência. Há uma orientação indicando onde – “uma rua chamada rua Verão”, ... “uma pirambeira desgraçada de barro vermelho”. E há os eventos habituais ordenados temporalmente e expressos por verbos no imperfeito – “levantava”, “colocava a galocha”, “tirava a galocha” na padaria, “embrulhava no jornal”, “levava para a fábrica, lavava a galocha, trazia a galocha no ônibus, descia do ônibus [e] colocava a galocha de novo para poder voltar para casa”, onde chegava “com a galocha entupida de barro e a barra da calça entupida de barro”. E há também uma avaliação:

“Eu sei a vida do povo pobre deste país, eu sei como é que o povo sofre neste país, porque eu sou presidente agora, mas eu não fui presidente a vida inteira. Eu sou presidente há pouco tempo e sei como é que esse povo sofre.”

Os eventos se organizam temporalmente e contam a história da sofrida rotina de um trabalhador que, dia após dia, precisa vencer a lama para ir trabalhar. Pelo menos supostamente, esta era a rotina do orador em uma dada época de sua vida e esta é, sem dúvida, a rotina em tempos de chuva de homens e mulheres da platéia que reivindicam a construção do viaduto da Posse. Assim, nessa quase-narrativa, o presidente Lula se constrói identitariamente como homem do povo, trabalhador sofrido que já enfrentou as dificuldades do dia-a-dia na periferia das grandes cidades, o que permite o alinhamento identitário da platéia com ele. Ele conhece, por experiência própria, as dificuldades da vida das pessoas pobres, é sensível às suas necessidades e reivindicações e, em função de sua história de vida, governa

preferencialmente para os pobres – este é o ponto dessa quase-narrativa, aliás explicitado pelo orador não só na avaliação acima, mas também no trecho que vem logo depois dessa avaliação e que reproduzo abaixo:

“...eles sabem que se eu tiver que escolher entre eles e o povo pobre, eu vou ficar com o povo pobre deste país, que é quem trabalha, que é quem produz, quem gera riqueza. Eles sabem que eu não tenho duas caras, eles sabem que eu tenho um lado e eles sabem que, embora eu tenha que governar para todos, tenha que governar para o empresário, tenha que governar para a classe média, porque todos são brasileiros, eles sabem que eu tenho que priorizar a parte mais oprimida da sociedade, a parte mais fraca da sociedade, que são mulheres e homens pobres deste país, que são a maioria deste país.”

No trecho reproduzido acima, já na posição identitária e com a “voz” de presidente (não mais com a voz do “eu” operário que é o protagonista da quase-narrativa das galochas velhas) o orador atribui sua opção preferencial pelos pobres às suas origens e à sua experiência de vida, estabelecendo um sistema de coerência que explica suas atitudes presentes em termos de valores construídos em função das dificuldades do passado.

4.3.4

Analfabetismo e vergonha

*Sempre evitei falar de mim,
falar-me. Quis falar de coisas.
Mas na seleção dessas coisas
não haverá um falar de mim?*

*João Cabral de Melo Neto
Dúvidas apócrifas de Marianne Moore*

— “E ela ficava tentando esperar o ônibus pela cor” —

“Eu me lembro – vou contar um caso para vocês – minha mãe era analfabeta, morreu analfabeta. A minha mãe pegava um ônibus, ia para a Praça da Sé, em São Paulo, na verdade ia para a Praça João Mendes. Às vezes, a coitada se perdia porque não sabia ler a palavra Vila Carioca, e tinha vergonha de perguntar para quem estava no ponto, se aquele era o ônibus dela. E ela ficava tentando esperar o

ônibus pela cor, era um ônibus vermelho com uma faixa branca, mas não tinha só ele com faixa branca e, às vezes, pegava ônibus e ia para outro lugar, não ia para casa.”

Sem deixar de ser uma história pessoal do presidente Lula, a quase-narrativa acima não tem o orador como protagonista, mas sua mãe. Como na quase-narrativa anterior, não se trata de um episódio único, específico, mas de eventos repetidos, que aconteciam às vezes constituindo um padrão, e são expressos pelo pretérito imperfeito: “minha mãe pegava um ônibus”, “ia para a Praça da Sé”, “se perdia”, “não sabia ler a palavra Vila Carioca”, “tinha vergonha de perguntar”, “ficava tentando esperar o ônibus pela cor”.

O tema da história – dificuldades vividas pelo analfabeto – está perfeitamente de acordo com o contexto em que o discurso é pronunciado: cerimônia de formatura de alunos de um programa de alfabetização de adultos. E a história surge no discurso justamente quando o presidente Lula volta sua atenção para o significado da ocasião.

Embora não se trate de uma narrativa em primeira pessoa, contar que a mãe era analfabeta diz várias coisas sobre o narrador. Em primeiro lugar, reforça discursivamente a origem humilde do presidente, de novo facilitando o alinhamento da platéia com ele. O fato do presidente Lula não se furtar a fornecer esta informação sobre sua mãe, que outros tenderiam a esconder, projeta para o presidente uma imagem de gente simples, honesta, direta, que não procura escamotear suas origens. E a história em si, a dificuldade para reconhecer o ônibus certo, a vergonha que o analfabeto tem de perguntar e assim deixar transparecer sua ignorância, a humilhação e os problemas gerados por pegar o ônibus errado, tudo isso revela um narrador que conhece realmente o assunto sobre o qual está falando, o que aumenta sua credibilidade.

Este discurso, pronunciado por Lula na baixada Fluminense 10 dias antes de aceitar a indicação do PT para concorrer à reeleição, é, oficialmente, um discurso do presidente no desempenho de suas funções. Nele, por meio de duas quase-narrativas que contam supostos episódios de sua história de vida, o presidente se constrói identitariamente como homem do povo, como trabalhador sofrido que conhece, por experiência própria, as dificuldades da vida das pessoas pobres. Sua história de vida explica e garante que ele seja sensível às necessidades e reivindicações da população

de baixa renda, o que permite o alinhamento identitário da platéia com ele e, considerando o enquadre de discurso-de-campanha dominante no discurso do Mova Brasil, provavelmente conquista votos.